

OPINIÃO



Economia Real

Luís Todo Bom

O NOSSO DÉFICE

O país, em geral, e o Presidente da República, em particular, estão radiantes com a previsão do défice de 0,2% do PIB em 2019.

Estamos, pois, perante o défice do nosso contentamento.

Mas, há assim tantas razões para festejar este valor do défice nominal? Quando o défice estrutural, ou seja, o défice real da economia, expurgados os aspetos conjunturais, não se reduziu? E sabendo nós que o que protege o país dos ciclos económicos desfavoráveis é precisamente a redução do défice estrutural?

Mas olhemos mais de perto para a equação de cálculo do défice nominal:

Receitas menos despesas, públicas, a dividir pelo PIB.

A receita a aumentar por força do agravamento da carga fiscal, em particular, dos impostos indiretos, reduzindo o rendimento disponível das famílias.

A despesa corrente a aumentar, em particular a massa salarial dos funcionários públicos, fruto da redução das 40 para as 35 horas de trabalho semanal, compensada por uma contração significativa do investimento público e da contratação de serviços especializados.

O PIB com uma previsão generosa do seu crescimento nominal.

Preparemo-nos, pois, para assistir em 2019 a uma degradação progressiva dos serviços públicos

Como a despesa corrente está garantida, qualquer desvio das receitas ou do PIB será compensada pelas cativações.

Preparemo-nos, pois, para assistir em 2019 a uma degradação progressiva dos serviços públicos.

Listas de espera para consultas e cirurgias a aumentar, pior ensino nas nossas escolas e universidades, tribunais e forças policiais sem meios operacionais, menos comboios e barcos na travessia do Tejo a circular, novo aeroporto adiado.

Assistiremos à desmotivação dos melhores funcionários do Estado, que não terão os aumentos que os seus méritos justificavam.

Este caminho para a mediocridade, sem diferenciação dos melhores e sem investimento público mínimo para manutenção das infraestruturas é o caldo de cultura onde ocorrem os acidentes.

Pedrógão, incêndios de Outubro, Tancos e Borba são o resultado destas políticas.

E só não tivemos nenhum desastre ferroviário, porque a administração da CP, lucidamente, reduziu drasticamente a circulação ferroviária.

Entretanto, as empresas, únicas entidades que criam riqueza, continuam a ser os parentes pobres do Orçamento.

A grande razão por que nunca se discute a qualidade do défice reduzindo-se a discussão ao seu valor nominal é simples: permite a construção de um orçamento ideológico, de extrema-esquerda, ignorando os interesses reais do país.

Gestor de empresas